

Fernando Henrique pede 'agenda micro' para o desenvolvimento

Para ex-presidente, manutenção do crescimento depende de 'liderança política'

EFE/30-08-2003

Adauri Antunes Barbosa

• SÃO PAULO. O ex-presidente Fernando Henrique Cardoso propôs ontem em São Paulo uma "agenda micro" a ser debatida e aprovada pelo Congresso para que o governo não precise interromper o processo de crescimento pelo qual o país passa. De acordo com Fernando Henrique, alguns projetos precisam ser priorizados para que essa agenda mínima possa avançar em 2005, provocando a continuidade do desenvolvimento econômico e social, o que, segundo ele, depende de liderança política.

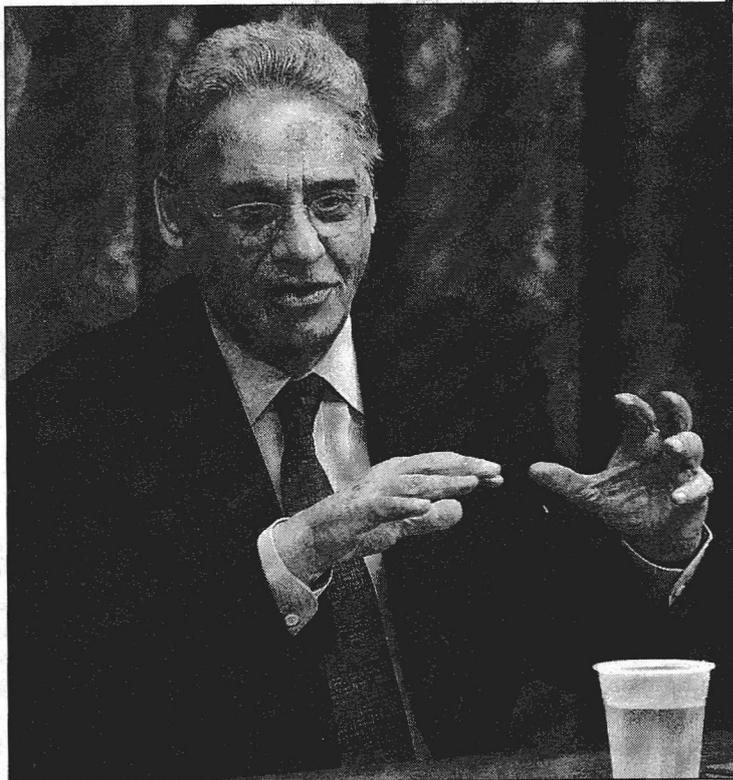
— Como o processo de tentar criar condições para evitar que haja interrupções seguidas (no crescimento econômico) depende, a meu ver, da consolidação institucional, acho que temos de fazer andar uma agenda no Congresso. Uma agenda micro: a Lei de Falências, as leis relativas à questão de reaver empréstimos, a legislação trabalhista e a própria Previdência, que precisa ser regulamentada — sugeriu o ex-presidente no seminário sobre "O que esperar de 2005?", promovido pela consultoria InterNews.

Para ex-presidente, democracia está consolidada

Quando analisou as perspectivas políticas para 2005, Fernando Henrique afirmou que a democracia está consolidada e que, por isso, os investidores não devem ter medo, como já demonstraram na última eleição presidencial:

— O que poderia ser a maior ameaça já está lá. Na verdade, não é. Não acontece nada. Isso é um dado importante para o Brasil. Não se tem mais esse risco.

Fernando Henrique sugeriu que a discussão da agenda micro no Congresso inclua o projeto das Parcerias Público-Privadas (PPPs), mas com as propostas de seu partido, o PSDB.



FERNANDO HENRIQUE: "Não estou cobrando o que não pude fazer"

— Tudo bem, acho excelente que se façam as PPPs, desde que de acordo com o que o senador Tasso Jereissati, que é do meu partido, quer — disse, provocando risos. — Queremos uma coisa bem simples, responsável, transparente. Mas não vai ser o abre-te sésamo, porque não tem dinheiro público. Reparar como alguns setores empresariais vão ficar nervosos: "Meu Deus, vamos ter uma boquinha, aí". Mas ela é pequenininha, pequenininha, e não vai ser suficiente para os apetites.

Dizendo que o desenvolvimento da agenda depende de "liderança política", o ex-presidente explicou que não estava cobrando o que não pôde fazer em seus oito anos de governo.

— Não é fácil, eu sei. Não estou cobrando de terceiros o que não pude muitas vezes fazer. Estou apenas assinalando, não estou criticando. Estou assinalando que ainda temos aí um problema complicado — disse, pre-

cavendo-se de respostas de integrantes do governo do presidente Luiz Inácio Lula da Silva.

Sem comentários sobre opiniões de economistas

Bem-humorado, ao concluir sua palestra de pouco mais de meia hora, Fernando Henrique não quis comentar as teses dos dois economistas que participavam do seminário. Antonio Barros Castro, assessor especial do Ministério do Planejamento, afirma que o país está no caminho certo para o desenvolvimento, enquanto José Júlio Senna, ex-diretor do Banco Central, prevê a estagnação do crescimento.

— Sou cartesiano, com alguns graus de candomblé. Então, acho que o Brasil vai crescer sim, mas com algum grau de candomblé — disse o ex-presidente, para explicar que acredita num crescimento como prevê a cartilha, mas com uma dose de fé e improviso tipicamente brasileiros. ■